

AUTRAN DOURADO: ASPECTOS DA OBRA E DA CRÍTICA

Elis Angela Franco Ferreira Santos (UEFS)

elis.arte22@gmail.com

Alessandra Leila Borges Gomes (UEFS)

Austran Dourado (1926-) é escritor de longas datas. Sua primeira publicação, a novela *Teia*, é de 1947. Ultrapassando os sessenta anos de carreira, tem publicados mais de vinte títulos, entre eles contos, novelas, romances e ensaios, vários deles traduzidos para diferentes idiomas. É um escritor premiado, vencedor de concursos literários como o Goethe de Literatura (1982), o Jabuti (1982), o Camões (2000) e o Machado de Assis (2008), apenas para citar os mais importantes, o que configura sua importância na História da Literatura Brasileira. Além disso, teve o livro *Ópera dos mortos* (1967) listado pela UNESCO em sua Coleção de Obras Representativas da Literatura Universal.

Nascido na cidade de Patos, em Minas Gerais, o escritor que apresenta “[...] uma refinada arte de narrar” (BOSI, 1999, p. 422), passou a infância em Monte Santo, onde realizou os primeiros estudos. Na adolescência, passa a viver em São Sebastião do Paraíso e lá inicia o curso ginasial, concluído posteriormente em Belo Horizonte, onde foi morar em 1943. Nesse período de estudo, Dourado viveu em um internato. Algumas experiências do internato foram utilizadas em “Três histórias do internato”, compiladas em *Solidão solitude* (1972), embora, como diz o escritor, “[...] não seja eu personagem” (SENRA, 1983, p. 4), e em *O risco do bordado* (1970), em que João da Fonseca Nogueira, seu *alter ego*, narra episódios de sua infância e juventude. Sobre esse personagem, Dourado afirma: “É uma maneira que encontrei de pensar certos problemas meus, desligados da minha pessoa. Ele reflete muito minhas angústias e carências” (DOURADO, 2001, p. 82).

Sua carreira literária teve início em Belo Horizonte. Ainda quando era estudante, em 1943, ele recebeu menção honrosa no concurso promovido pela revista *Alterosa*, publicando assim, seu primeiro conto, “O canivete de cabo de madrepérola”. Entre as figuras que contribuíram para a sua formação literária, nessa época, estão Arthur Versiani Veloso, professor de Filosofia do Colégio Marconi, onde realizou o curso científico e o escritor Godofredo Rangel. Sobre este, Dourado afirma:

Godofredo Rangel foi decisivo na minha formação de escritor. Aos dezesseis anos eu tinha pronto um livro de contos e levei até ele meus escritos. O velho escritor leu os originais e me disse: “Felizmente você não é precoce. Guarde o livro e continue lendo, atualizando-se”. Me aconselhou a ler Stendhal, Flaubert, Tchecov. E, em caixa alta, MACHADO DE ASSIS. (SENRA, 1983, p. 5)

Em uma atitude de gratidão e demonstrando uma relação de respeito para com aqueles que contribuíram para sua formação, o escritor revela:

A Veloso e a Rangel procurei deixar assinalada a minha dívida de gratidão dedicando-lhes o meu romance *Um artista aprendiz*, do qual são, com pouco disfarce e alteração, personagens. Veloso, junto com as aulas de Filosofia, me despertou o amor pelos clássicos; Rangel me ensinou que o simples amor pela literatura não basta, se ele não se apoia no aprendizado da técnica literária. (DOURADO, 2009, p. 65-66)

A capacidade inventiva de Dourado foi despertada na infância, época em que ele criava histórias, a partir das imagens que via nos livros do pai, e contava a empregada: “Era uma história mirabolante, fantástica, tudo que aquelas fotografias me sugeriam” (SOUZA, 1996, p. 28). Concluído o ginásio, ingressa, em 1945, na Faculdade de Direito, e lá estabelece relações com diversos escritores, entre eles, Otto Lara Resende, Fernando Sabino e Murilo Rubião. Exerce em 1946 a função de taquígrafo na Câmara Municipal e em 1948 na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, onde conheceu o então governador mineiro, Juscelino Kubitschek, para quem trabalharia como Secretário de Imprensa durante os anos de 1955-1960, época em que JK esteve na Presidência da República.

As experiências vividas na Secretaria de Imprensa foram relatadas em seu livro de memórias, *Gaiola aberta: tempos de JK e Schimidt* (2000b), revelando os bastidores desse momento contraditório da política brasileira. Mas, antes mesmo de transformar em documento histórico os acontecimentos dos cinco anos que trabalhou para JK, Dourado reflete, com grande maestria, em *A serviço del-Rei*⁸⁸ (1984), as dificuldades enfrentadas pelo escritor que resolve flertar com o poder. Sobre esse romance, ele afirma em depoimento: “É o resultado de minha vivência po-

⁸⁸ Os pontos de confluência entre a realidade histórica e a ficção, em *A serviço del-Rei*, podem ser percebidos através dos papéis exercidos pelos personagens Saturniano e João. Saturniano, assim como Juscelino, é o presidente para quem o escritor João da Fonseca Nogueira, alter ego de Autran Dourado, trabalha. Além disso, outros elementos contribuem para estabelecer as convergências: os rumores do Golpe Militar, o Ato Institucional etc.

lítica no Governo de Minas Gerais e na Presidência da República” (SOUZA, 1996, p. 32).

Em 1946, exerce a função de redator-chefe da revista *Edifício*, um periódico literário que teve apenas quatro números publicados, agregando as figuras de Wilson Figueiredo, Sábato Magaldi, Otto Lara Resende, Edmur Fonseca e Pedro Paulo Ernesto. Foi justamente pelas Edições Edifício que, em 1947, ele publicou sua novela, *Teia*, considerada por Lúcio Cardoso como sendo “[...] de uma rara qualidade [...]” e expressão de “[...] um futuro promissor [...]” (CARDOSO *apud* SOUZA, 1996, p. 108), para o escritor.

Em *Teia*, Dourado já prenuncia características que daria continuidade em sua obra, como a criação de personagens angustiados e solitários. Narrada em primeira pessoa e com o recurso do discurso direto, a novela ainda não apresenta as técnicas avançadas que só apareceriam em *A barca dos homens* (1961), como a utilização de blocos distintos, do monólogo interior e do fluxo de consciência.

Solidão e silêncio são marcas dessa narrativa: a velha “[...] conduziu-me em silêncio”, “A casa inteira é de um silêncio [...]”, “[...] habitado por pessoas estranhas e silenciosas [...]” (DOURADO, 1980, p. 21). E segue o narrador evidenciando a solidão dos habitantes da pensão: “Apenas vi a velha, mas sei que não mora sozinha, outras pessoas convivem ali, todas igualmente solitárias” (DOURADO, 1980, p. 21)

Após se tornar Bacharel em Direito, em 1949, ano em que trabalhou como jornalista do *Estado de Minas* e se casou com Maria Lúcia Campos Christo, com quem tem quatro filhos, Dourado publica a novela *Sombra e exílio* (1950), recebendo por essa publicação o Prêmio Mario Sette. Reunidas em *Novelas de aprendizado* (1980), as novelas *Teia* e *Sombra e exílio* “[...] deixam transparecer riqueza literária, devido a seu estilo intrincado e detalhista” (OLIVEIRA, 2011, f. 56). Nelas são reconhecidos traços marcantes do estilo autraniano, como a descrição psicológica dos personagens, a solidão em que muitos deles se encontram, além do cenário interiorano das Minas Gerais.

Ainda no ano de 1950, ele começa a trabalhar como Oficial de Gabinete de Juscelino Kubitschek, então governador de Minas Gerais, exercendo o cargo até 1954. Seu primeiro romance, *Tempo de amar*, só vem a público em 1952, o que lhe garante, dessa vez, o Prêmio Cidade de Belo Horizonte. Segundo Massaud Moisés (1996), nesse romance,

[...] se cunham as matrizes de sua ficção [de Autran Dourado] e visão de mundo: seres nimbados pelo mistério, enjaulados em atmosferas cinzentas, oníricas, acoissados pelo desentendimento, pelos destinos desavindos, pela decadência e pelo estigma da morte, submetidos “às divindades obscuras”. (MOISÉS, 1996, p. 472-473)

Em 1955, já no Rio de Janeiro, onde havia chegado no ano anterior, Autran Dourado passa a atuar como Secretário de Imprensa da Presidência da República, além de publicar *Três histórias na praia*. Em 1957, recebe o Prêmio Artur Azevedo, do Instituto Nacional do Livro, pela publicação de *Nove histórias em grupo de três*. Após deixar o cargo de Secretário de Imprensa do governo de JK, em 1960, ele passa a trabalhar em um cargo administrativo na Justiça. É com a publicação de *A barca dos homens* (1961) que o escritor alcança uma maior credibilidade perante a crítica, obtendo também o Prêmio Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores.

O romance ultrapassa as fronteiras nacionais e é traduzido para o alemão, francês e espanhol. Segundo Moisés (1996, p. 473), *A barca dos homens* é “[...] um dos pontos altos” da carreira do escritor. Já Assis (1973, p. 88) Brasil o define como “[...] um romance bem elaborado, formalmente bem feito [...]”. Narrado sobre a perspectiva da interiorização dos personagens, sondando-os no mais íntimo para revelar seus dramas, traumas e sonhos, em uma história de caça que tem o louco Fortunato como vítima inocente, em *A barca dos homens*, Dourado quebra totalmente a linearidade, apresentando uma narrativa em blocos independentes, que só aparentemente parecem não compor um todo estruturado, porém, após uma leitura atenta, percebe-se o quanto o romance é “[...] uno, inteiro e completo [...]” (PERNAMBUCANO, 2010, f. 16). Essa interiorização é exemplo da aptidão que Dourado tem em “[...] penetrar e expor a psique de suas personagens” (SILVERMAN, 1982, p. 36).

A partir de então, confirma-se a qualidade de sua produção literária, através das publicações de *Uma vida em segredo* (1964), *Ópera dos mortos* (1967), *O risco do bordado* (1970), *Os sinos da agonia* (1974), *Armas e corações* (1978), *As imaginações pecaminosas* (1981), *A serviço Del-Rei* e *Lucas Procópio* (1984), *Violetas e caracóis* (1987), *Monte de alegria* (1990) *Um cavaleiro de antigamente* (1992), *Ópera dos fantoches* (1995), *Vida, paixão e morte do herói* (1995), *Confissões de Narciso* (1997), *Um artista aprendiz* (2000) e *O Senhor das horas* (2006).

Quando da publicação de seu primeiro livro, o cenário literário brasileiro distanciava-se 25 anos de um dos acontecimentos que marca-

ram a nossa história da literatura: A Semana de Arte Moderna. Ocorrido em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo, esse evento simboliza um divisor de águas quando se pensa nas produções artísticas brasileiras, já que, seus promotores “[...] traziam, de fato, ideias estéticas originais em relação às nossas últimas correntes literárias, já em agonia” (BOSI, 1999, p. 303). Passada a euforia dos primeiros acontecimentos do movimento modernista, surgem, na década de 30 e a partir das novas configurações históricas, novos modelos de experiências literárias.

Entre esses modelos, Bosi (1999, p. 388) destaca a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna. Além desses, o crítico aponta a ficção intimista e a prática vanguardista experimental de escritores como Guimarães Rosa e João Cabral. É, sobretudo, uma ficção que apresenta uma “[...] invulgar penetração psicológica” (BOSI, 1999, p. 388), a praticada por Autran Dourado. Desse modo, sua narrativa

[...] move-se à força de monólogos interiores. Que se sucedem e se combinam em estilo indireto livre até acabarem abraçando o corpo todo do romance, sem que haja, por isso, alterações nos traços propriamente verbais da escritura. O que há é uma redução dos vários universos pessoais à corrente de consciência, a qual, dadas as semelhanças de linguagem dos sujeitos que monologam, assume um *facies* transindividual. Assim, embora a matéria pré-literária de Autran Dourado seja a memória e o sentimento, a sua prosa afasta-se dos módulos intimistas que marcavam o romance psicológico tradicional. (BOSI, 1999, p. 422)

O caráter intimista de sua escrita fez com que, no início de sua carreira, sua ficção fosse comparada com a de Cornélio Pena e Lúcio Cardoso, ainda que cada um deles apresentasse particularidades que os distinguiam. A aproximação entre a sua escrita e a desses escritores se dá, sobretudo, porque a ficção de Autran Dourado apresenta, também, uma temática que reflete o estado trágico e decadente da família patriarcal mineira. Eneida Maria de Souza (1996) pontua as semelhanças entre a escrita de Autran Dourado e as de Guimarães Rosa e Clarice Lispector, afirmando que “Autran comporá, ao lado de Guimarães Rosa, um universo ficcional mítico, no qual a História passa a ser regida pela natureza espiralada do tempo” (SOUZA, 1996, p. 20). Em relação a Clarice Lispector, as semelhanças se dão pelo fato de ambos os escritores apresentarem personagens “[...] atormentadas e solitárias [...]” (SOUZA, 1996, p. 21), apesar de estarem inseridas em cenários diferentes: a cidade, em Clarice, e o interior mineiro, em Autran.

Marcio da Silva Oliveira, em dissertação de mestrado, salienta:

Autran Dourado, em sua forma peculiar de construir narrativas, apresenta ao leitor, mais do que simples histórias, enredos plenos de significados. Em seus romances e contos, tudo tem razão de ser, desde o nome dos personagens até o espaço onde se situam. Objetos e ambientes são apresentados como peças de enigmas ao leitor, à medida que ele penetra no texto. Apesar do alto grau de complexidade de seus romances, sua linguagem é leve e os discursos e os diálogos destacam o caráter oral, o jeito de falar do brasileiro e, em especial, do povo de Minas Gerais. (OLIVEIRA, 2011, f. 53)

Além de textos ficcionais, sua obra é composta também por vários ensaios: *A glória do ofício: Nove histórias em grupo de três* (1957), *Uma poética de romance* (1973), *O meu mestre imaginário* (1982) e *Breve manual de estilo e romance* (2003). Nesses ensaios e no romance *Um artista aprendiz* (2000), Autran Dourado discute aspectos significativos da literatura, revelando como se dá o processo de composição de suas narrativas. Sua ensaística aponta para um escritor que concebe a criação literária não como mera inspiração, mas, sim, como uma atividade laboriosa que exige dedicação e paciência.

Ao criar personagens escritores como João da Fonseca Nogueira e o Tomás, personagem de *Confissões de Narciso*, Dourado empresta sua voz aos personagens e realiza uma autorreflexão sobre o fazer literário. Sobre *Um artista aprendiz*, ele afirma: “[...] livro que lhe recomendo não por suas virtudes ficcionais, mas porque nele procurei retratar o meu aprendizado filosófico e literário [...]” (DOURADO, 2009, p. 53).

Sua produção ficcional, “[...] colocada atualmente entre as mais importantes da modernidade nacional do pós-guerra” (MOISÉS, 1996, p. 474), tem sido motivo de estudos no Brasil e no exterior, formando uma fortuna crítica que já ultrapassa, entre dissertações e teses, cinco dezenas de produções⁸⁹. Entre as obras mais exploradas nesses trabalhos acadêmicos estão *Os sinos da agonia*, *Ópera dos mortos*, *A barca dos homens*, *O risco do bordado* e *Uma vida em segredo*. Em relação aos temas analisados, os que aparecem com maior frequência giram em torno da memória, da questão temporal, da morte, das relações com as tragédias gregas, da inter e intratextualidade, e da decadência de algumas tradições mineiras, além da questão espacial, configurada, sobretudo, nos espaço do sobrado.

⁸⁹ A lista com as referências de 52 produções acadêmicas pode ser encontrada no anexo de *O trançado das personagens negras na costura-risco autraniana* (FERNANDES, 2006).

Apesar de buscar uma forma e um estilo diferentes na composição de cada romance, as temáticas apresentadas por Dourado são, como ele mesmo afirma, repetitivas, predominando a “[...] angústia, o terror da loucura, o medo da perda de identidade, do controle das coisas e de desaparecer diante do real” (SOUZA, 1996, p. 35). Ele, que assume não ter prazer nenhum em escrever, garante que só depois de pronta tem “[...] certa satisfação, mas a mesma que dá quando se descarrega dos ombros um fardo” (DOURADO, 2005, s/p).

O peso que sente no momento da escrita está relacionado à sua visão sobre a importância do texto literário e a formação cultural dos escritores. Para ele “[...] literatura é linguagem carregada de sentido” (DOURADO, 2009, p. 33) e sua produção não está reservada apenas aos raros iniciados, contudo, ao compreendê-la enquanto arte, o escritor defende o cuidado e o trato com a linguagem e, de certa maneira, condena as produções voltadas apenas para o mercado, classificando-as como literatura “[...] de pacotilha ou *best-seller*, matéria digestiva, passatempo de pessoas não muito exigentes” (DOURADO, 2009, p. 33).

Esse cuidado com a linguagem seria adquirido através das leituras dos clássicos literários, mitológicos, filosóficos, etc., e do conhecimento da gramática — sobretudo para poder desviar-se dela quando necessário. Autran Dourado em entrevista afirma: “E não tenho medo de clássicos. Os clássicos são necessários” (DOURADO, s/d, s/p). Em seu *Breve manual de estilo e romance* (2009), um misto de memória e manual, ele orienta aos que desejam ser escritores: “[...] leia bons e competentes autores, que sabem e já mostraram como se escreve bem [...]” (DOURADO, 2009, p. 8).

Ainda sobre a linguagem autraniana, Souza (1996, p. 13) salienta que Autran Dourado “[...] ao traduzir o paciente e cuidadoso aprendizado adquirido pela leitura dos clássicos, consegue reunir os traços da oralidade próprios da língua coloquial com a mais sofisticada e criativa construção de seu texto”. Em busca da palavra perfeita, que dê mais precisão às narrativas, ele afirma consultar sempre os dicionários. Dourado faz questão de apontar a dificuldade da escrita literária, salientando que “[...] escritor é aquele sujeito que escreve com dificuldade; quem escreve com facilidade é orador” (DOURADO, 2009, p. 20). Por isso mesmo, tem a escrita literária como uma arte de carpintaria (a escrita), um trabalho minucioso de dar forma à matéria (a linguagem). Assim, evita usar o termo inspiração, preferindo em seu lugar ideia súbita, já que, para ele, não existem musas direcionadoras da escrita: é necessário um trabalho aten-

cioso com a linguagem para transformar a ideia que surge em texto ficcional de qualidade.

Para o escritor, “A frase literária, ou melhor, a escrita literária, é um ato de sedução e astúcia” (SOUZA, 1996, p. 38), por isso, ele busca seduzir e encantar, utilizando algumas técnicas como o suspense, a recorrência e a montagem, tudo isso com a finalidade de manter presa a atenção do leitor. Dourado afirma ainda: “Não sou um escritor espontâneo, sou elaborado. Trabalho muito cada um de meus livros. Levo de dois a três anos até completar uma obra. [...] Releio. Reescrevo. Voto a ler reescrever. E assim vou, trabalhando 5 horas por dia, até chegar a uma forma que me satisfaça” (DOURADO, 1981, p. 3).

Em relação aos escritores que mais contribuíram para a sua formação literária, Dourado elenca os nomes de Machado de Assis, Flaubert, Stendhal, Henry James, Conrad, Tchekov, Tostoi, Turgeniev e Faulkner, além de mostrar sua admiração por Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Mário de Andrade, Cornélio Pena, Cortázar e Borges.

Na escrita autraniana convergem várias linhas de força que conjugam o enraizamento no universo brasileiro de Minas Gerais com uma vocação para o universal, um pendor mítico a que não falta um fundo histórico, uma desenvoltura narrativa que não abdica da experimentação e do recurso às técnicas consagradas ao longo do Século XX. A aclamação do seu trabalho deve-se tanto ao seu talento excepcional como à originalidade da sua voz. (LOURENÇO, 2008, p. 14)

A vasta produção ficcional de Autran Dourado, apesar de girar em torno de poucos temas, nos surpreende por apresentar uma forma diferenciada para cada texto publicado. Assim, a leitura do conjunto de sua ficção torna-se um percurso por um labirinto que precisamos desvendar. A teia construída pelo ficcionista exige do leitor uma atenção redobrada, pois será quase impossível, pelo menos em termos formais, esperar que um livro se assemelhe a outro. Assim, o romance se apresenta como um gênero em constante transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 36. ed. rev. e aum. São Paulo: Cultrix, 1999.

BRASIL, Assis. Autran Dourado. In: _____. *A nova literatura: história crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Americana, 1973, p. 87-99.

DOURADO, Autran. *A barca dos homens*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *A serviço del' Rei*. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.

_____. Autran Dourado [entrevista]. In: LUCENA, Suênio Campos de. *21 escritores brasileiros: uma viagem entre mitos e motes*. São Paulo: Escrituras, 2011, p. 79-87.

_____. Autran Dourado diz que escrever não dá prazer. *Folha.com*. São Paulo, 30 jun. 2005. Entrevista concedida a Julián Fuks. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u52320.shtml>>. Acesso em: 08-01-2012.

_____. *Breve manual de estilo e romance*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

_____. *Confissões de Narciso*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. *Gaiola aberta: tempos de JK e Schmidt*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.

_____. *Novelas de aprendizado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. *O meu mestre imaginário*. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1975.

_____. *O risco do bordado*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. *Tempo de amar*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

_____. *Uma poética de romance: matéria de carpintaria*. Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.

FERNANDES, Liduína Maria Vieira. *O trançado das personagens negras na costura-risco autraniana*. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/posletras/images/teses2006/LiduinaMaria.pdf>>.

LOURENÇO, Maria Manuela da Silva. *Os sinos da agonia: uma poética da memória*. 2008, 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos) - Universidade de Lisboa, Lisboa. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1742/1/21951_ulfl061154_tm.pdf>. Acesso em: 08-02-2012.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: Modernismo*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

OLIVEIRA, Marcio da Silva. *As influências do trágico nos romances contemporâneos Ópera dos mortos e Os sinos da agonia, de Autran Dourado*. 2011, 143 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/msoliveira.pdf>>. Acesso em: 07-01-2012.

PERNAMBUCANO, Juscelino. O fazer literário em *A barca dos homens*, de Autran Dourado. *Revista Científica de Letras: Diálogos pertinentes*. Franca, v. 6, n.1, p. 13-28, 2010. Disponível em: <[http://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view File/263/211](http://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/File/263/211)>. Acesso em: 09 jan. 2012.

SANTOS, Leonor da Costa. *Autran Dourado em romance puxa romance ou a ficção recorrente*. 2008, 214 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas- Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras da Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/posverna/doutorado/SantosLC.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

SENRA, Angela Maria de Freitas. *Literatura comentada: Autran Dourado*. São Paulo: Abril Educação, 1983.

SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Autran Dourado*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

SILVERMAN, Malcolm. Autran Dourado e o romance introspectivo-regionalista. In: _____. *Moderna ficção brasileira*. 2. ed. Tradução de João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 34-51.